

**A surra¹ que a literatura de cordel deu na comunicação pública
em saúde: análise de conteúdo de folhetos de prevenção e
combate à dengue**

Alberto Magno Perdigão²

Submetido em: 02/05/2024

Aceito em: 05/06/2024

RESUMO

O artigo se localiza no campo da folkcomunicação, mais especificamente nos folhetos informativos da literatura de cordel. Analisa o conteúdo de folhetos que tratam do tema dengue, sua prevenção e tratamento. Admite, como hipótese, que as narrativas apresentadas nos referidos folhetos ampliam a difusão dos mesmos conteúdos divulgados pela comunicação pública, junto ao público leitor ou ouvinte da literatura de cordel. Preliminarmente, mensura a proporção de folhetos de iniciativa privada e pública numa amostra de exemplares que abordam o tema doença/saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Literatura de cordel; Folheto informativo; Comunicação pública; Dengue.

**The beating that cordel literature gave to public health
communication: content analysis of leaflets to prevent and
combat dengue**

¹ Palavra tradicionalmente utilizada nos títulos dos folhetos de cordel para se referir à superioridade de um cantador sobre o seu oponente, como se vê no antológico A grande surra que o poeta Cordeiro Manso, de Maceió, levou de João Athayde por ter ido desafiá-lo (Recife, edição do autor, 1923).

² Jornalista com atuação na comunicação alternativa/jornalismo popular. Professor convidado de comunicação alternativa e comunitária da Universidade de Fortaleza. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade. Realiza pesquisa no campo da folkcomunicação, sobre o folheto informativo da literatura de cordel, com ênfase no folheto de temas políticos. É autor, entre outras obras, de Política e Literatura de Cordel (RDS, 2022, 365 p.) e Pretas e Pretos na Literatura de Cordel (RDS, 2023, 350 p.).

ABSTRACT

The article is part of the field of folkcommunication, more specifically in the information leaflets of cordel literature. The article preliminarily measures the proportion of leaflets from private and public initiatives in a sample of copies that address the theme of illness/health. The article analyzes the content of leaflets that deal with the topic of dengue, its prevention and treatment, admitting, as a hypothesis, that the narratives presented in these leaflets increase the dissemination of the same content disseminated by public communication, among the reading public or listeners of cordel literature.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Literature of twine; Information leaflet; Public communication; Dengue.

El golpe que la literatura de cordel dio a la comunicación en salud pública: análisis de contenido de folletos para prevenir y combatir el dengue

RESUMEN

El artículo se sitúa en el ámbito de la comunicación popular, más concretamente en los folletos informativos de la literatura cordeliana. Analiza el contenido de folletos que abordan el tema del dengue, su prevención y tratamiento. Admite, como hipótesis, que las narrativas presentadas en los citados folletos amplían la difusión de los mismos contenidos difundidos por la comunicación pública, entre el público lector o oyente de literatura de cordel. Preliminarmente, mide la proporción de folletos de iniciativas públicas y privadas en una muestra de ejemplares que abordan el tema enfermedad/salud.

PALABRAS-CLAVE

Comunicación popular; Literatura de cordel; Panfleto de información; Comunicación pública; Dengue.

Rádios, TVs e jornais
Estão sempre comentando
É revista, é internet...
É panfleto orientando
Sociedade assustada
E o mosquito atacando

Os Estados Brasileiros
Dos sertões aos litorais
Nos vilarejos e aldeias
Cidades e Capitais
São constantes os registros
De vítimas nos hospitais.

(Poeta popular Jota Gomes, de Icapuí (CE), versando sobre a dengue)

Introdução

Quando este artigo começou a ser escrito, no dia 11 de abril de 2024, o portal de notícias do Governo Federal, o Agência Brasil, informava que “autoridades sanitárias confirmaram 363 mortes por dengue no Brasil” (BRASIL/EBC/AGÊNCIA BRASIL, *on-line*). “Há ainda 763 óbitos em investigação e que podem ter sido causados pela doença, totalizando 1.126 mortes confirmadas ou suspeitas até o momento”, completava a notícia baseada na contagem do Painel de Monitoramento das Arboviroses do Ministério da Saúde e que se referia a um período de pouco mais de quatro meses - de 1 de janeiro a 8 de abril de 2024.

Segundo o portal, “o país contabilizava naquele momento 1.342.086 casos de dengue e um coeficiente de incidência da doença de 660,9 casos para cada grupo de 100 mil habitantes”, indicando mais um surto da doença, desta feita atingindo severamente os estados de Minas Gerais, com 464.223 casos prováveis, seguido de São Paulo (238.993), Paraná (128.247) e do Distrito Federal (122.348), respectivamente das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Entretanto, desde a década de 1980, “a dengue vem ocorrendo no Brasil de forma continuada” (BRASIL/FIOCRUZ, *on-line*), atingindo também as regiões Norte e Nordeste.

A cada novo surto de dengue, a União e os governos estaduais investem em campanhas publicitárias de cunho educativo, as quais se localizam no campo da comunicação pública. O objetivo recorrente é informar sobre como se proteger da doença e sobre como buscar atendimento e cura. Os meios de comunicação de massa e da internet, quase que inteiramente privados no Brasil, participam paralela e espontaneamente do esforço de comunicação pública, prioritariamente atualizando a evolução ou o declínio do número de casos e óbitos, e alertando a população mais vulnerável. A efetividade da

comunicação pública ou privada, entretanto, de difícil mensuração, talvez se apresente abaixo do alcançável.

É o que se pode intuir observando os números de casos e de mortes, a extensão das áreas atingidas e a duração do patamar crítico do surto; a invencível má destinação de resíduos sólidos nas cidades e negligência com os reservatórios de água dentro de casa; a falta de vacinas para todas as faixas etárias e a sobra de doses nos postos para as faixas convocadas a tomar o imunizante (BRASIL/MINISTÉRIO DA SAÚDE, *on-line*); a subnotificação e a automedicação, por parte dos doentes; a demanda superaquecida e os diagnósticos equivocados no sistema público de saúde. E, então, o mosquito segue vencendo o Estado, o mercado e a sociedade.

Nos dois casos, também se observa que os fluxos comunicacionais são predominantes verticais. Partem dos gabinetes da burocracia estatal ou das redações rumo aos territórios, às vezes, isolados e empobrecidos, onde a informação circula fortemente pela oralidade - não só pela leitura ou pela comunicação massiva - e pelas redes sociais reais do território - não só pelas redes sociais virtuais do não-território proporcionadas pela internet. Desconhecem ou desconsideram, via de regra, outras possibilidades, talvez mais efetivas, oferecidas pela folkcomunicação e suas múltiplas possibilidades (BENJAMIM, 2013; LUYTEN, 2013; PERUZZO, 2022), notadamente as de caráter folkcomunicacional.

O presente artigo traz, como primeira premissa, a compreensão de que a comunicação pública tem como proponente e protagonista o poder público - Executivo, Legislativo e Judiciário -, para assegurar a informação de caráter público, a expressão da cidadania e o diálogo público político entre o Estado e a sociedade - como previsto em legislação específica no Brasil; e tendo, como “expectativas”, alimentar o conhecimento cívico, facilitar a ação pública e garantir o debate político (ZÉMOR, 2003).

‘Alimentar o conhecimento cívico’ (...) é fazer o cidadão reconhecer-se como parte num diálogo, como também sujeito, e não só objeto de uma comunicação; (...) um interlocutor com consciência cívica que o faz falar e também de eventuais silêncios do governo ou do Estado. ‘Facilitar a ação pública’ é estabelecer um campo fértil de interlocução e, portanto, favorável à elaboração, realização, avaliação e à realimentação de políticas públicas (...). ‘Garantir o debate político’ (...) é estimular o confronto de ideias (...) entre os poderes públicos e os cidadãos (...). (PERDIGÃO, 2010, p. 96-97).

Como segunda premissa, o artigo oferece o entendimento de que o folheto informativo da literatura de cordel (também chamado de acontecidos, de circunstância, de ocasião) é uma mídia folkcomunicacional alternativa, popular e contra-hegemônica, frente

aos meios de comunicação de massa tradicionais (PERDIGÃO, 2022). É informativa porque trata dos mesmos fatos e temas da mídia tradicional, e sob os mesmos critérios de noticiabilidade. É alternativa porque se apresenta como um outro jornal; é popular porque é uma elaboração do povo, para o povo e com o povo; e contra-hegemônica porque é resistente, na forma e no conteúdo, no mister de narrar a vida sob a ótica não-elitista, não opressora.

[A folkcomunicação] congrega camadas significativas da sociedade seja rural, seja urbana, alienada do processo desenvolvimentista e que utilizam meios de folk para a expressão de suas informações, ideias e anseios, como os folhetos de cordel, as cantorias, os contos, as danças, os autos populares, a talha, a cerâmica. São grupos culturais marginalizados intelectual, econômica e geograficamente e/ou grupos urbanos socialmente marginalizados, ora pelo reduzido poder aquisitivo de sua renda econômica que não lhes permite o acesso aos meios citados, ora por contestação à cultura ou à organização social estabelecida (...). (BELTRÃO, 2013, p. 512).

Este mergulho investigativo qualitativo tem como objeto de estudo o folheto informativo de saúde que aborda a doença dengue. Pergunta-se de que tratam os folhetos sobre dengue, tendo, como hipótese, que as narrativas apresentadas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública no público leitor ou ouvinte da literatura de cordel. Usa-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como critérios as seguintes palavras (ou ideias relacionadas): *mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia*. Antes, entretanto, busca, de forma exploratória, mensurar a proporção de folhetos publicados como instrumentos de comunicação pública.

O folheto informativo de saúde

O assunto saúde está no folheto informativo da literatura de cordel como objeto e como reflexo de um assunto que sempre ocupou a literatura oral e também as conversas cotidianas. Entenda-se saúde como os temas e fatos relacionados à doença ou à não-doença e outros temas direta e proximamente relacionados a estas duas ideias. Na classificação temática do folheto informativo (PERDIGÃO, 2022), saúde é um dos subtemas do tema demandas cotidianas, constante do eixo temático políticas públicas. A proposta de organização deste universo da literatura de cordel é aberta; contempla cinco eixos, cada um composto por temas e subtemas, os quais também podem ser subdivididos.

Estão no subtema saúde as enfermidades em geral, sejam elas conhecidas ou desconhecidas do território; raras ou frequentes; evitáveis, curáveis ou incuráveis; assintomáticas, de sintomas leves ou letais; sejam os casos isolados ou de um surto, de uma

epidemia ou de uma pandemia. Estão também as práticas e representações culturais do território quanto à prevenção, ao diagnóstico, à sintomatologia, às terapias e à cura. Milagres e curas sobrenaturais; homenagens a médicos, à medicina e a centros de saúde; adoecimentos e mortes causados pelo trânsito, pelo tabagismo e pelo uso de substâncias como álcool e drogas outras etc são do âmbito da saúde pública, portanto não integram o referido subtema.

Uma pesquisa quantitativa sobre o folheto de saúde realizada nos acervos digitais do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular - CNFCP (BRASIL/CNFCP, on-line) aponta algumas pistas relevantes, que podem suscitar investigações mais amplas e profundas. A busca de dados feita por meio das palavras saúde e doença apontou 2.328 títulos que contêm pelo menos uma das duas palavras na capa ou nos versos, sendo que 82 títulos se referem às palavras nos termos tratados aqui - correspondendo a 3,52% do total. A investigação dispensou rastrear outros acervos digitais de grande porte, dada a expressividade numérica da amostra oferecida pelo CNFCP.

Dos 82 folhetos localizados, 60 foram publicados por iniciativa particular do autor ou de alguma entidade privada, correspondendo a 73,17%; outros 22, ou 26,83%, foram editados como ação de comunicação pública por órgãos dos poderes Executivo de municípios, estados e da União, ou por entes de caráter jurídico público, como empresas e fundações. Observe-se que a proporção de folhetos publicados por iniciativa particular é cerca de três vezes maior do que a de exemplares usados como ferramenta de comunicação pública, que pouco ultrapassam 1/4 do total. Ou seja, proporcionalmente, o folheto privado ocupa o lugar do relativamente ausente folheto público.

Tomando por base os critérios jornalísticos que selecionam os temas e fatos a serem oferecidos pelos meios de massa e pelos sítios da internet - como a proximidade no tempo, a proximidade no espaço, o ineditismo, o impacto social, o impacto econômicos etc -, é possível observar um rol de assuntos mais comuns entre os folhetos de saúde. A partir do oferecido pelo acervo do CNFCP, têm-se mais frequentes os temas da medicina natural/popular e remédios caseiros/naturais, que são da tradição dos territórios que produzem e consomem literatura de cordel e que, não raros, encontram dificuldade de acesso a consulta e prescrição médicas. Totalizam 21 folhetos, representando 25,60% do total, e 13 destes são ações de comunicação pública.

AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis ficam com 20 folhetos, correspondendo a 24,39% do total, mas apenas 3 são de comunicação pública. Orientações

de prevenção e cuidados em saúde física e mental totalizam 12 folhetos, ou 14,63% do total, sendo 3 os de iniciativa pública. Com 10 folhetos, ou 12,19%, aparecem as endemias (dengue, cólera, gripes, gripe suína, tuberculose e hanseníase), sendo 3 os de caráter público. Os folhetos sobre sanitaristas (Oswaldo Cruz e Rodolfo Teófilo), têm 5 frequências (6,09%), sendo um deles público. Os livretos sobre cânceres (de mama e de próstata) têm igualmente 5 ocorrências, nenhuma de caráter público.

A lista se conclui com os folhetos sobre doenças transmitidas por vetores (barbeiro, carrapato e caramujo), com 4 (4,82%), sendo 1 público; sobre diabetes e hipertensão, com 3 (3,65%), e nenhum público; e sobre outras doenças (glaucoma e anorexia), com 2 (2,43%), e nenhum público. Desta forma, extrai-se que, dos 82 folhetos da amostra, 24 foram publicados como instrumentos de comunicação pública, o que corresponde a 29,26%, ou seja, entre $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{3}$ do total. Que em apenas uma variável, medicina natural/popular e remédios caseiros/naturais, a proporção de folhetos públicos alcança 61,90% dos 21 títulos, ficando as demais categorias com proporções que variam entre nada e 30,00%.

Não foi objetivo da exploratória, mas, além das quantificações, é possível observar que doenças endêmicas apresentam frequência intermediária de 10 folhetos (12,19%), sendo 4 sobre dengue - nenhum destes como iniciativa de comunicação pública. É possível considerar também que são relativamente mais frequentes os folhetos sobre as maneiras próprias e da tradição do território de evitar ou curar doenças, sem depender do serviço público. Talvez para registrar e dar longevidade a saberes e práticas que se originaram na oralidade e que sofrem a permanente ameaça de desaparecer diante de outras práticas de profilaxia e de terapia que não são de base popular e local. Há de se investigar.

É factível considerar, ainda, o relativamente grande número de folhetos que abordam a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, que, talvez, representem um risco maior, inclusive de morte, para as populações com menor acesso à informação sobre prevenção e aos meios de tratamento, portanto mais vulneráveis àquelas doenças. Há de se investigar. Finalmente, registre-se que o acervo do CNFCP, não obstante sua grandeza e qualidade, pode estar a merecer novas aquisições, dado que não oferece folhetos sobre enfermidades contemporâneas e de grande exposição na mídia tradicional, como covid e influenza, gripe aviária e doença da vaca louca, ansiedade e depressão.

O que dizem os folhetos sobre dengue

A presente análise de conteúdo foi realizada sobre a amostra de 16 folhetos da coleção particular do autor. Os livretos foram publicados em cinco diferentes estados de quatro regiões, a saber: Ceará, com seis exemplares, seguido de Pernambuco (5), Rio de Janeiro (3), Distrito Federal (1) e Pará (1). Os folhetos foram publicados em épocas distintas, sendo o mais antigo datado de 1998, período da primeira epidemia contemporânea, e o mais recente publicado em 2017. Os demais anos de publicação, 2002 (2), 2004 (1), 2007 (1), 2008 (2), 2009 (1) e 2016 (2), coincidem com períodos em que se verificou grande número de casos de dengue na região de atuação do poeta-repórter. Cinco dos folhetos foram publicados sem data.

Figura 1 - Seleção de folhetos de cordel sobre a temática da dengue



Fonte: Acervo do autor

Figura 2 - Seleção de folhetos de cordel sobre a temática da dengue



Fonte: Acervo do autor

A amostra é formada pelos seguintes folhetos: *A Dengue Judia e Mata: como evitar?*, de Zé Govim (32 estrofes em sextilhas); *A Dengue tá aí*, de Antônio Amorim Pereira (16 versos em sextilhas); *A Peleja de Zé Dengoso contra a Política do Veneno*, de Hércules Amorim e Lia Giraldo (12 estrofes em décimas); *Aedes Aegypti: o mosquito da dengue*, de Abraão Rodrigues (60 estrofes em sextilhas); *Cordel de Combate à Dengue*, de Altair Leal (16 estrofes em décimas); *Cuidado! Ele Pode te Ferroar!!!*, de Francisco Zênio (26 estrofes em sextilhas); *Defenda-se contra o Dengue*, de Manoel Santamaria (24 estrofes em sextilhas); *Dengue, né Brinquedo Não!!*, de Pedro Ernesto de Jesus (22 estrofes em septilhas); e *Dengue: Vamos Combater!*, de Rivani Nasario (24 estrofes em septilhas).

A lista continua com *Dengueladen: O Mosquito Está Mais Forte*, de Davi Teixeira (24 estrofes em sextilhas); *Diálogo do Pescador sobre o "Aedes aegypti"*, de Jota Gomes (24 estrofes em sextilhas); *Guerra ao Mosquito*, de Ducarmo Souza (27 estrofes em septilhas); *Guerra contra a Dengue*, de Dodó Félix (32 estrofes em sextilhas); *O Mosquito da Dengue em Literatura de Cordel*, de José Evangelista (32 estrofes em sextilhas); *Para Combater a Dengue, Zica e Chikungunya o Remédio é a Prevenção*, de Gerardo Carvalho Frota (38 estrofes em sextilhas); e *Vamos Evitar a Dengue*, de José João dos Santos (32 estrofes em septilhas). Em toda a amostra, apenas um folheto teve patrocínio público.

Os folhetos da amostra trazem na capa títulos palavras ou expressões que remetem à apresentação do mosquito transmissor da dengue e dos riscos de expandir a infecção (a dengue tá aí, né brinquedo não, o mosquito está mais forte); que fazem um alerta para o risco da doença e para a necessidade de preveni-la (cuidado, defenda-se, como evitar, vamos evitar); e que conclamam os leitores e ouvintes a se engajarem num enfrentamento de vida ou morte (vamos combater, para combater guerra ao mosquito, guerra contra a dengue). As capas apontaram a oportunidade de considerar seis critérios de análise, a saber: mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia.

Dez dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *mosquito*. Por este critério, extraíram-se dados sobre o inseto, o transmissor. Em *Diálogo do Pescador sobre o “Aedes aegypti”*, para apresentar “um bicho que assombra”, o poeta-repórter narra uma conversa cotidiana ocorrida numa região praiana, entre um pescador-comerciante e um popular. Os trechos apresentados como dados, a seguir, estão transcritos conforme o original.

Disse Chico: O ser humano
É mesmo muito esquisito
Adoça água do mar
Põe satélite no infinito
Tira energia do vento
E não domina um mosquito

Hoje não se ouve mais
Falar em “bicho papão”
Fantasma de encruzilhada
Lobisomem e batatão
Mas tem um bicho que assombra
Da criança ao ancião

Um tal de aedes aegypti
Que percorre continentes
Provocando muitas mortes
Deixando muitos doentes
Desafiando a ciência
Dos homens inteligentes

Um vivente tão pequeno
Que não pesa um miligrama
Não mede meio centímetro
Não tem couro nem escama
Mas de tanto causar pânico
Já está criando fama

Por onde o aedes passa
Com seu ataque sinistro
Preocupa Presidente
Governador e Ministro
Sua existência revela

Um negativo registro

Secretário de Saúde
Treme só de ouvir falar
Agentes de endemias
Pede pro povo ajudar
Até as forças armadas

Já tiveram que atuar (GOMES, s/d, p. 2-4).

Onze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *doença*, aqui significando a sintomatologia apresentada pelo infectado. Em Guerra contra o Mosquito, o poeta-repórter descreve sintomas do corpo e do ânimo, e afirma que “o paciente imagina que está prestes a morrer”. Não é possível afirmar, mas, embora escritos em terceira pessoa, os versos, dado o realismo que sugerem, parecem ter surgido da experiência de um poeta-repórter acometido pela doença.

Não estamos resguardados
da picada traiçoeira...
De repente, eis os sintomas:
dor de cabeça, tonteira,
febre alta com fastio
e no corpo uma canseira.

Todo o dia, a noite inteira,
dói o corpo e, um momento,
exausto, o doente busca
minorar o sofrimento...
Mas descobre que é melhor
não tomar o medicamento.

Não tem gosto o alimento
que nem na garganta não passa.
Tudo gira ao seu redor,
a dor o corpo transpassa.
E o mundo fica embaçado
como se envolto em fumaça.

Com a consciência a lassa,
vai-se o gosto de viver.
Ausenta-se a alegria
pra dá lugar ao sofrer.
O paciente imagina
que está prestes a morrer.

Assim, nesse padecer,
passa horas, passa dias.
Horas longas, nebulosas,
noites insones, sombrias.
Parecem não ter mais fim
as terríveis agonias.

Arrastam-se vários dias,

até que haja uma melhora.
E durante esse período
a vida corre lá fora,
pois o tempo implacável,
por nós passa e vai embora. (FÉLIX, 2002, p. 4-5).

Quatorze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *prevenção*, aqui significando os meios indicados pelas autoridades sanitárias à população para reduzir a infestação do mosquito e/ou a sua picada. Em *Para Combater a Dengue, Zica e Chikungunya o Remédio é a Prevenção*, quatorze estrofes são destinadas ao assunto. Aqui são transcritas seis que ensinam como “evitar que o mosquito tenha proliferação”. Observe-se que o poeta-repórter se dirige diretamente ao leitor ou ouvinte do folheto.

Vamos agora aos cuidados
De controle e prevenção
Que você e a comunidade
Devem colocar em ação
Para evitar que o MOSQUITO
Tenha proliferação.

Vasos de plantas com água
Se você quiser cultivar
Por cima da água areia
Grossa deve colocar.
Desse berço do mosquito
Na certa vai se livrar

Se as garrafas tão sem uso
Têm que ser esvaziadas
E em lugares bem cobertos
Elas devem ser guardadas
E pra maior segurança
Devem ficar emborcadas.
(...)

Tem agora um repelente
Bem fácil de preparar
Meio litro de álcool e 10 gramas
De cravo e é só agitar
Deixe 4 dias curtindo
Nas pernas braços passar.
(...)

Quem bebe água de pote
Deixe a boca bem coberta
Com uma touca amarrada
Seja uma pessoa esperta.
Pois o mosquito anda doido
Pra encontrar uma boca aberta.
(...)

Mantenha seu quintal limpo
E a caixa d'água vedada
Quando o Agente Sanitário
Em seu lar fizer parada
Acolha-o deixando-o entrar

E siga a orientação dada. (FROTA, 2017, p. 5-6; 7; 8).

Onze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *combate*, aqui significando as providências das autoridades sanitárias para reduzir a infestação do mosquito, os números de casos da doença e de mortes. Em *Dengue, Né Brinquedo Não*, o poeta-repórter registra em linguagem matuta, num misto de alívio e esperança, o trabalho de administrar larvicida nas casas e de orientar os moradores, feito pelos agentes de combate a endemias. Em *Guerra ao Mosquito*, a poeta-repórter registra com descrédito a participação das Forças Armadas no combate ao mosquito transmissor. E em *Vamos Evitar a Dengue*, o poeta-repórter relata a falta de estrutura do sistema público de saúde para socorrer os doentes.

Cumeçô amiorá
aquela cituação
nóis mandemo o home entrá
cum a lanterna na mão
passô logo pu quintá
i cumeçô logo a butá
um pó nas coisa do chão
(...)
Aí quando foi lá pas tanta
I eu já tava mêi neivoso
o caba infim s'alevanta
i mim fala mêi jeitoso:
derrame as água dos lito
que isso é coisa do mosquito
aquele peste teimoso (JESUS, s/d, p. 7).

Os pelotões do Exército
Vão fazer a vistoria.
Em terrenos com sujeiras
Também em casa vazia.
Orientando as pessoas
A criar condições boas
Limpando sua moradia.
(...)
Tantos casos no Brasil
Já virou epidemia.
O mosquito agora ataca
De noite, também de dia.
Prevenção anunciada
Até as Forças Armada
Mas não se tem garantia. (SOUZA, 2016, p. 4; 6).

Seja razão seja medo
Nós temos que combater
Essa praga de mosquito
Que faz o povão sofrer
Por falta de atendimento

De médico e medicamento
Faz muita gente morrer

Vamos combater a dengue
Unidos todos iguais
Aterrando as poças da água
Pelas ruas e quintais
Que traz a epidemia
E faz crescer todo dia
As filas nos hospitais. (SANTOS, 2008, p. 5).

Três dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *tratamento*, aqui significando as terapias adequadas para amenizar os sintomas da dengue e prevenir o seu agravamento. Em *Cuidado! Ele Pode te Ferroar!!!*, a orientação é dirigida ao doente, para que “vá ao serviço de saúde” em busca de vacina e de medicação correta. Em *Defenda-se contra o Dengue*, vê-se um reforço do argumento contra a automedicação e a sugestão do uso da homeopatia prescrita por especialista. E em *A Dengue tá aí*, o poeta-repórter não só corrobora contra a automedicação, mas também recomenda repouso ao paciente.

Uma picada é tão fatal
Poderá no corpo aparecer
Manchas avermelhadas
Dias após dias a suceder
Vá ao serviço de saúde
E se vacine para não sofrer.
(...)
O soro tem efeito positivo
Sem dano colateral
Um coquetel antialérgico
É um tratamento medicinal
Corta e febre amarela
E a fraqueza em geral. (ZÊNIO, 1998, p. 6; 7).

Não tome anti-inflamatório,
Antibiótico ou coisa igual.
Deixe a critério do médico.
Ele é quem tem cabedal,
E os exames vão mostrar
A natureza do mal.

Dizem os especialistas
Do ramo da homeopatia
Que, no aumento das plaquetas
Sanguíneas que propicia
Esse tratamento inibe
O risco da hemorragia. (SANTAMARIA, s/d, p. 3-4).

E se você desconfiar
que está tocado dela
não tome qualquer remédio

pra não alimentar ela
repouse na sua rede
e saia só na janela
(...)
Repouso é fundamental
em sua recuperação
repouse e tome Tylenol
pra não ir pra escuridão
porque se ela voltar
você vai para o caixão (PEREIRA, s/d, p. 6; 7).

Três dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *epidemia*, aqui significando a expansão ou a abrangência da doença. Em *Aedes Aegypti: O mosquito da Dengue*, o poeta-repórter fala da epidemia no Ceará, comparando o avanço da dengue a “uma enxurrada”. Em *O Mosquito da Dengue em Literatura de Cordel*, o poeta-repórter compara a “captura” de um “danado” que fez vítimas em Brasília, Rio de Janeiro e Recife. Em *A Peleja de Zé Dengoso contra a Política do Veneno*, os poetas-repórteres se referem a um mosquito que chegou ao Brasil pela Bahia, que provocou uma primeira epidemia em Roraima, que voltou à Bahia, para, depois, estar “em todo o Brasil”. Observe-se, neste caso, que é o mosquito quem fala, ele é o protagonista da narrativa.

A maioria das cidades
Do estado do Ceará,
Já foi total invadida
Mesmo assim sem se falar
Naquelas que imunes
Querem do mosquito safar.

A cifra é muito grande
De cidade infestada,
Novos casos vão surgindo
É ver uma enxurrada,
Com crescimento das águas
Numa grande disparada. (RODRIGUES, 2009, p. 13).

Até a Polícia Federal
Fez o retrato falado
O Exército saiu na captura
Do “Mosquitinho” danado
De Brasília foi ao Rio de Janeiro
E não foi capturado.

O “Mosquito” no Recife
Anda pintando miséria
Matou gente em San Martin
Mangueira e Casa Amarela
Pra eliminar o “Mosquito”
O “LAFEPE” fez uma vela. (EVANGELISTA, 2008, p. 5).

Começando a história do começo
Eu cheguei de mansinho, só no tombo
Escondido na esquadra de Colombo
Que a América virou pelo avesso.
Eu habitava em outro endereço
Os países de climas variantes
A Tailândia, viveiro de Elefantes
Todo o grande africano continente
Não é só o mosquito que é culpado
De transmitir a dengue pra essa gente.

Sou apenas um agente condutor
Desse vírus que estraga a alegria
Fui embora, mas voltei pra Bahia
E em Roraima a doença se alastrou
E se agora em todo Brasil estou
É porque alguém não teve clareza
De prever o pior e com presteza
Cuidar bem da saúde do doente
Não é só o mosquito que é culpado
De transmitir a dengue pra essa gente. (AMORIM; GIRALDO, 2004, p. 4)

Considerações finais

Este artigo tratou do folheto da literatura de cordel no seu papel de informar sobre as formas de prevenção e tratamento da dengue, que é do âmbito da comunicação pública em saúde, prevista em lei para ser executada pelo poder público.

Perguntou-se de que tratam os folhetos sobre dengue, tendo, como hipótese, que as narrativas apresentadas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública no público leitor ou ouvinte da literatura de cordel.

A amostra de 16 folhetos foi construída a partir da coleção do autor, Usou-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como critérios seis palavras (ou sinônimos): mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia.

Inicialmente, mensurou-se a proporção de folhetos de iniciativa privada e de iniciativa pública numa amostra de 82 folhetos sobre doença/saúde, extraídos do acervo digital do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular.

Concluiu-se que dos 82 folhetos localizados, 60 foram publicados por iniciativa particular do poeta-repórter ou de alguma entidade privada, correspondendo a 73,17%; outros 22, ou 26,83%, foram editados como ação de comunicação pública.

Da análise de conteúdo, observou-se que os seis assuntos-critérios estão contemplados na amostra, com mosquito em dez exemplares, doença em onze, prevenção em 14, combate também em onze e epidemia em três.

Concluiu-se, desta forma, que o folheto da literatura de cordel de iniciativa privada que trata sobre a dengue são mais frequentes que os de iniciativa pública na proporção aproximada de 3 para 1.

E que o referido folheto cumpre a missão de informar sobre a doença, suas formas de prevenção e tratamento, confirmando, assim, a validade da hipótese de que narrativas apresentadas ampliam a difusão do conteúdo-objeto da comunicação pública.

Referências

AMORIM, Hércules; GIRALDO, Lia. **A peleja de Zé Dengoso contra a política do veneno**. S/d: s/d, 2004.

ATHAYDE, João Martins de. **A grande surra que o poeta Cordeiro Manso, de Maceió, levou de João Athayde por ter ido desafiá-lo**. Recife: edição do autor, 1923.

BELTRÃO, Luiz. “Comunicação popular e região no Brasil”. In: MELO, José Marqus de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BELTRÃO, Luiz. “O folclore como discurso”. In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BENJAMIM, Roberto. “Folkcomunicação: os veículos de manifestações da cultura popular”. In: MELO, José Marqus de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BRASIL/CNFCP. **Cordelteca**. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/>. Acesso em: 18/04/2024.

BRASIL/EBC/AGÊNCIA BRASIL. **Brasil tem quase mil mortes por dengue em investigação**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-03/brasil-tem-quase-mil-mortes-por-dengue-em-investigacao#:~:text=ouvir%3A,ou%20suspeitas%20at%C3%A9%20o%20momento>. Acesso em: 11/04/2024.

BRASIL/FIOCRUZ. **Dengue: vírus e vetor**. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>. Acesso em: 11/4/2024.

BRASIL/MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde elabora estratégia para redistribuição das vacinas da dengue**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/ministerio-da-saude-elabora-estrategia-para-redistribuicao-das-vacinas-da-dengue>. Acesso em: 15/04/2024.

EVANGELISTA, José. **O Mosquito da dengue em literatura de cordel**. Recife: edição do autor, 2008.

FÉLIX, Dodó. **Guerra contra a dengue**. S/d: s/d, s/d.

FROTA, Gerardo Carvalho (Pardal). **Para combater a dengue, zica e chikungunya o remédio é a prevenção**. Fortaleza: Edições Cecordel, 2017.

GOMES, Jota. **Diálogo do pescador sobre o “Aedes aegypti”**. Icapuí (CE): edição do autor, s/d.

GOVIM, Zé. **Dengue judia e mata: como evitar?**. Crato (CE): Sesc Crato, 2016.

JESUS, Pedro Ernesto de M. **Dengue, né brinquedo não!!**. Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, 2002.

LEAL, Altair. **Cordel de combate à dengue**. S/d: Paulista (PE): edição do autor, 2007.

NASARIO, Rivani. **Dengue: vamos combater!**. S/d: Editora Coqueiro, s/d.

LUYTEN, Joseph M. “Conteúdo da comunicação popular”. In: MELO, José Marqus de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

PERDIGÃO, Alberto. **Comunicação pública e TV digital: interatividade ou imperatividade na TV pública**. Fortaleza: EDUECE, 2010.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel: o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica**. Fortaleza: RDS, 2022.

PEREIRA, Antônio Amorim. **A dengue tá aí**. Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, s/d.

PERUZZO, Maria Círcia M. Krohling. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

RODRIGUES, Abraão. **Aedes aegypti: o mosquito da dengue**. Juazeiro do Norte (CE): edição do autor: 2009.

SANTAMARIA, Manoel. **Defenda-se contra o dengue**. S/d: edição do autor, s/d.

SANTAMARIA, Manoel. **Defenda-se contra o dengue**. S/d: Edição do autor, s/d.

SANTOS, José João dos (Mestre Azulão). **Vamos evitar a dengue**. S/d: edição do autor, 2008.

SOUZA, Ducarmo. **Guerra ao mosquito**. Belém: Isvã Editora, 2016.

TEIXEIRA, Davi. **Dengueladen: o mosquito está mais forte**. S/d: edição do autor, s/d.

ZÉMOR, Pierre. “La communication public”. In: SILVA, Luiz Martins da (Org.). Comunicação pública. Brasília: Casa das Musas, 2003.

ZÊNIO. Francisco. **Cuidado! Ele pode te ferrear!!!**. Brasília: Edição do autor, 1998.